

FARIAS BRITO FILÓSOFO

MATOS PEIXOTO

1. FARIAS BRITO publicou a "Finalidade do Mundo" em três volumes (1895, 1899 e 1905) e "A Verdade como Regra das Ações" (1905). Acresceram "A Base Física do Espírito" (1912) e "O Mundo Interior" (1914). Deixou ainda um opúsculo inédito, "Ensaio sôbre o Conhecimento", ora em via de publicação pelo Instituto Nacional do Livro.

Tendo sido apagado ocupante, na Academia Cearense de Letras, da cadeira cujo patrono é FARIAS BRITO, tentarei consignar algumas das impressões que a leitura dos seus livros me deixou.

A sua obra filosófica é a de maior fôlego publicada no Brasil, disse-o SÍLVIO ROMERO, já em 1909, em parecer sôbre a nomeação de FARIAS BRITO para a cadeira de Lógica do Externato Pedro II, para cujo provimento fizera concurso em que tirou o primeiro lugar, competindo com EUCLIDES DA CUNHA (entre outros), que foi classificado em segundo lugar e obteve a nomeação.

Na sua obra considerável, FARIAS BRITO expôs e criticou, com fidelidade, perspicácia e clareza, em estilo vivaz e às vêzes eloqüente, diversos sistemas filosóficos. O paralelo que êle fêz entre AUGUSTO COMTE e SPENCER é uma página magistral. Muitas outras merecem qualificativo idêntico.

Tendo escrito tantos volumes em épocas diversas, é possível que nêles se encontrem incongruências, mesmo errôneas;

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

porquanto, conforme observou CÍCERO, que conhecia a fundo a filosofia, não há filósofo que não tenha perpetrado algum absurdo. (1)

2. O que cumpre apurar é se, além de crítico da filosofia, FARIAS BRITO foi um filósofo com idéias próprias.

Abordando o problema da divindade, FARIAS BRITO asseverou convictamente: Deus é a luz. Muito o impressionara a potência criadora da luz, assinalada por diversos cientistas: WÜLNER — os raios do sol são a fonte de tôda a atividade terrestre; REITLINGER — todos os sêres vivos existentes na terra são criações do raio solar; BÜCHNER — somos, no sentido mais positivo da palavra, filhos do sol; MOLESCHOTT — fôlhas, flôres, frutos são sêres tecidos de ar pela luz. (2)

FARIAS BRITO concluiu: em uma palavra, a vegetação é um produto da luz; e a animalidade, inclusive a humanidade, por sua vez é uma transformação da vegetação, realizada por influência da luz. A luz é, pois, o grande princípio, a luz é a verdade suprema; o Deus único e verdadeiro, a que se aplica a frase de S. Paulo nos “Atos dos Apóstolos” (XVII, 28): *in ipso vivimus, movemur et summus*. (3)

3. Uma primeira indagação impõe-se: donde hauriu FARIAS BRITO a idéia de que Deus é a luz ?

É uma idéia muito antiga e prende-se naturalmente ao culto do sol, por ser êste, pelo seu poder ilimitado e criador, o fenômeno que mais maravilhou o homem primitivo. Praticaram êsse culto antigos egípcios, fenícios, babilônios, persas, hebreus, incas. No frontispício dos templos do sol no antigo Egito liam-se estas palavras: “Foi êle (sol) que criou tudo o que existe e nada fora dêle foi criado.” (4)

A divinização do sol transparece em CÍCERO: *solem ipsum deum esse*. (5) A propósito observou o Padre LEONEL FRANCA, em carta escrita a JÔNATAS SERRANO, autor de uma excelente monografia sôbre FARIAS BRITO, que é muito antiga a concepção de que a luz explica todo o universo e se identifica com a divindade, havendo mesmo uma doutrina do que se chamou a metafísica da luz. (6)

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

4. CLÓVIS BEVLÁQUA, que, além de juriconsulto notável, tinha vasta cultura filosófica, fêz pela "Revista do Brasil", em 1897, e incluiu em "Esboços e Fragmentos" (1899), uma análise penetrante do primeiro volume da "Finalidade do Mundo".

Quanto à deificação da luz, objetou CLÓVIS BEVLÁQUA que subjetivamente a luz é uma sensação particular da vista, a síntese das sensações luminosas produzidas pelo que WUNDT chama *irritantes da sensação*, que são fenômenos externos agindo sobre os órgãos dos sentidos (no caso da luz, sobre os órgãos visuais). Trata-se, portanto, de um fenômeno e não de um nômeno, de uma aparência e não de uma essência, de uma resultante e não de uma causa. Falta, pois, à luz, conclui CLÓVIS BEVLÁQUA, os atributos elementares da divindade.

Objetivamente, observou êle, a luz é produzida pela incandescência dos corpos e é devida a um modo vibratório particular do éter. Seria então o éter a divindade, como HÆCKEL supôs, e não a luz, fenômeno de que é a causa. (7).

Sem mencionar o nome de CLÓVIS BEVLÁQUA, respondeu-lhe FARIAS BRITO no terceiro volume da "Finalidade" (p. 123), começando por invocar a afirmação da filosofia monista de HÆCKEL: Deus é o éter. Prossegue a resposta:

"É para admirar que tenha causado certa estranheza a afirmação que usei avançar em 1891 (deve ser 1895) na primeira parte desta obra: Deus é a luz. Uma cousa corresponde à outra, porquanto é pelo éter que a luz se explica, sendo corrente na ótica moderna a idéia de que a luz não é senão a sensação produzida pelas ondulações das moléculas do éter, do mesmo modo que o som é a sensação produzida pelas ondulações das moléculas do ar.

.....

Hoje ninguém desconhece: a interpretação da luz pelas ondulações do éter é uma doutrina triunfante. De maneira que, dizendo-se — Deus é a luz, isto significa a mesma cousa que dizer — Deus é o éter, com esta diferença: que a noção da luz é mais clara, mais precisa, mais facilmente compreensível." (8)

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

5. Sendo o éter considerado a causa da luz e sublimado à divindade, cumpre indagar o que seja o éter.

Entre os antigos gregos e romanos era corrente a doutrina dos quatro elementos, que participavam da composição de tôdas as cousas: água, terra, fogo e ar, como assinalam Ovídio e Sêneca. (9)

Cícero atribuía a Aristóteles a dedução de um quinto elemento: *quinta quædam natura ab Aristotele inducta*. (10) Esse quinto elemento era o éter, que o estagirita considerava incorrupto e divino. (11) Todavia, Platão já falava no éter, que em *Timeu* (58,d) é a parte mais pura do ar e que em *Epinomis* é o último dos cinco elementos (981,c).

Havia outras concepções. Anaxágoras (sec. V a.C.), por exemplo, identificava o éter com o fogo, Zenão (séc. III a.C.) e quase os restantes filósofos estoicos consideravam o éter o Deus supremo, dotado com a inteligência que rege tôdas as cousas: *æther videtur summus deus mente præditus qua omnia reguntur*. (12) O grande orador romano, que era muito versado nas idéias filosóficas de seu tempo, critica, neste último passo, essa concepção por admitir um deus insensível, incapaz de ouvir nossas preces, nossos desejos, nossos votos. Como quer que seja, os estoicos anteciparam-se quase de dois milênios e meio à deificação do éter preconizada por Hæckel.

Entretanto, a doutrina mais divulgada e geral entre os gregos e romanos considerava o éter um fluido excessivamente tênue, que preenchia o espaço acima da atmosfera. (13) Lucrécio em seu grande poema cantou expressivamente essa doutrina, ao dizer que o éter translucidíssimo e tenuíssimo aflua sôbre as correntes aéreas:

.... liquidissimus æther

Atque levissimus ærias super influit auras. (14)

Era isso talvez uma exigência da doutrina que repugnava a existência do vácuo na natureza, com assento em Aristóteles (15) e em Cícero: *inane esse nihil placet*. (16)

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

6. A existência do éter então era apenas uma concepção teórica, mas foi depois considerada hipótese necessária, numa das teorias formuladas para explicar a ação da luz solar à distância, ou seja, como chega ela à terra.

São muito conhecidas a propósito duas teorias explicadas em compêndios escolares: a teoria ondulatória e a teoria da emissão.

A teoria ondulatória deve-se ao sábio holandês HUYGENS (1629-1695) — o *summus Hugenius*, como lhe chamava NEWTON (1642-1727), o maior gênio do seu século. Segundo essa teoria, do sol e de outros corpos incandescentes parte a luz em ondas imateriais e longitudinais, que se propagam no espaço através de um fluido universal vibrátil, eminentemente elástico e tênue: êsse fluido era o éter.

Em “A Ótica”, publicada em 1704, NEWTON formulou a sua própria teoria da luz, a qual pela fama do seu nome obumbrou a de HUYGENS. Segundo NEWTON, a fonte luminosa emite corpúsculos mínimos, materiais, que formam os raics de luz e se projetam no espaço em linha reta. É a teoria da emissão que prevaleceu até o primeiro quartel do século XIX, quando das experiências do físico francês FRESNEL (1817) se concluiu que a luz se propaga através do éter, não em ondulações longitudinais, como HUYGENS supunha, mas em ondulações transversais, pois sòmente estas podem explicar certos fenômenos, como a difração e a polarização.

Como ondas transversais sòmente são possíveis em corpo sólido e nunca em um fluido, daí se deduziu, assinala EINSTEIN, a teoria do éter luminoso, quase rígido, cujas partes não têm outros movimentos além das deformações correspondentes às ondas luminosas. (17)

Aqui o éter comporta-se como um sólido vibrátil, transportando ondas de luz, mas, por outro lado, êle deve ter uma fluidez perfeita, sem oferecer a mínima resistência ao movimento dos corpos celestes que nêle giram. O éter seria, portanto, ora sólido, ora fluido, o que envolve uma contradição patente, que muito contribuiu para a falência dessa teoria, como salientou GAMOW, professor de Física Teórica da Universidade de George Washington. (18)

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

7. A teoria da relatividade, formulada por EINSTEIN, transformou as concepções sobre o éter. Ele comparou essa teoria a um monumento de dois andares, que são a teoria da relatividade restrita, concernente a todos os fenômenos físicos, exceto a gravitação, e a teoria da relatividade generalizada, que explica as leis da gravitação e as relações desta com as outras forças naturais. (19)

Segundo o físico holandês LORENZ (1858-1923), citado por EINSTEIN, o éter, sede de fenômenos eletromagnéticos, está rigidamente ligado ao espaço, sendo insusceptível de movimento. EINSTEIN desenvolve essa teoria: o espaço físico e o éter são apenas duas expressões diferentes de uma só e mesma coisa; com efeito, desde que não se atribua ao éter nenhum estado particular de movimento, parece não haver razão nenhuma para que figure ao lado do espaço como uma entidade distinta. (20)

Essa identificação do éter com o espaço resulta ainda das propriedades físicas, mecânicas, eletromagnéticas e até geométricas atribuídas ao espaço: ora, um espaço com essas propriedades deixa de ser espaço para se tornar um meio e esse meio não é outro senão o éter. (21)

Neste sentido o éter existe. Segundo a teoria da relatividade geral, um espaço sem éter é inconcebível, pois a propagação da luz seria impossível; a noção do movimento não deve, porém, ser-lhe aplicada. (22)

8. O éter-espaço não é luminífero, também não o era o éter fluídico da teoria ondulatória, o qual, embora vibrátil, era somente veículo da luz, não a produzia, apenas a transmitia, era simplesmente luminífero e não luminífero.

Não sendo a luz efeito do éter, é impertinente a objeção de CLÓVIS BEVILÁQUA de que ela não pode ser Deus por não ser causa. Aliás, FARIAS BRITO não contraditou diretamente essa objeção, pois também admitiu ser o éter a causa da luz.

Outras teorias apareceram sobre a luz, como a teoria eletromagnética (MAXWELL, 1873); a teoria dos *quanta*, átomos de energia (PLANCK, 1913); a teoria da mecânica ondulatória

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

(LOUIS DE BROGLIE); mas nenhuma delas diz que o éter seja causa da luz.

A própria existência do éter é negada, embora outros a admitam, pôsto reconheçam que não está comprovada; e sua história, segundo EINSTEIN e INFELD, está longe de haver terminado. (23)

9. Surge a questão tormentosa: o que é a luz?

NEWTON, na sua "A Ótica", interrogou e observou:

"Não serão os corpos e a luz conversíveis mutuamente?... A transformação de corpos em luz e da luz em corpos é muito conforme ao curso da Natureza, que parece comprazer-se em transmutações." (24)

NEWTON sugeriu essa hipótese e êle próprio ponderou que nada é mais obscuro do que a luz: *nihil luce obscurius*. Modernamente, observou LOUIS DE BROGLIE que o cientista saberia muitas cousas, se soubesse tão-sòmente o que é um raio de luz. (25) Basta dizer que a luz é em si mesma invisível, como o são as ondas de rádio; o que chamamos luz é a reação que os *irritantes da sensação* produzem nos órgãos visuais. (26)

Aliás, a filosofia de FARIAS BRITO não se limita a dizer que Deus é a luz. Êle acentua — e é uma idéia própria — que a luz tem duas faces: a luz externa, a luz física, e a luz interna, que é a consciência; em outros têrmos: a consciência é a luz no espírito; a luz é a consciência na Natureza. De onde se vê que a consciência e a luz física não são pròpriamente dois fatos distintos, mas apenas as duas faces objetiva e subjetiva de um só e mesmo fato, quer dizer, são uma e outra uma só e mesma cousa, isto é, Deus. (27)

Há, pois, a luz, há a natureza e há a consciência. São, frisa FARIAS BRITO, os três momentos da natureza divina. A luz é Deus em sua essência; a natureza é Deus representado; a consciência é Deus percebido. Pode-se dizer: a luz representando-se é a natureza; a natureza, sendo percebida, é a consciência, ou, mais precisamente, é o conhecimento. Dêste modo, a luz é o princípio, a natureza é o meio, o conhecimento é o fim. Daí o seu pensamento: o conhecimento é a finalidade do mundo. (28)

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

10. Assentando que a finalidade do mundo é o conhecimento, FARIAS BRITO chegou à mesma conclusão a que chegara SPINOSA, de quem diz que foi nêle que encontrou o mais sólido apoio; pois, se há alguma filosofia a que o seu pensamento se prenda, é exatamente a de SPINOSA. (29)

Realmente, na "Ethica", obra fundamental de SPINOSA, diz êste que o bem supremo da alma é o conhecimento de Deus; (30) mas, como na natureza tudo é animado, quer dizer, cada corpo tem a sua alma, (31) sucede igualmente que tôda a alma tem por função natural o conhecimento. Não é, pois, só a alma humana que tem por virtude suprema o conhecimento, mas tôdas as almas do universo.

Daí logo resulta que tôdas as cousas tendem ao conhecimento. O conhecimento é, pois, uma aspiração universal e o fim de tôda a atividade infinita do cosmos, ou mais precisamente, como já foi assinalado, a finalidade do mundo. E é dêste modo, remata FARIAS BRITO, que, do seio das cogitações informes de SPINOSA, irrompe, como um raio de luz nas profundezas do caos, o pressentimento da verdade eterna. (32)

Sendo a finalidade do mundo o conhecimento, é consentâneo que o mundo tenha uma atividade intelectual para atingir êsse objetivo; mas disso não se ocupou nenhum dos volumes da "Finalidade"; sòmente em "A Verdade como Regra das Ações", editada em 1905, antes do terceiro volume da "Finalidade", precisou FARIAS BRITO o que entendia por atividade intelectual do mundo. No prefácio dessa obra, salienta o autor:

"O meu pensamento fundamental é êste: que a finalidade do mundo é o conhecimento. É o que resulta como uma consequência imediata da concepção do mundo como atividade intelectual, porque, se o mundo deve ser compreendido como uma atividade intelectual, é evidente que como tal sòmente pode ter por fim o conhecimento. É como se a evolução universal fôsse um esforço permanente do cosmos para adquirir consciência de si mesmo. Ora, o conhecimento tem por objeto a verdade. Por conseguinte é a verdade que se apresenta como a aspiração suprema de tôda a existência."

A propósito, diz CLÓVIS BEVLÁQUA que êste pensamento

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

de FARIAS BRITO *vale por um sistema filosófico*. (33) No corpo da mesma obra (p. 24) insiste FARIAS BRITO:

“O conhecimento é, pois, a manifestação superior, a última fase, o fim da evolução universal. A evolução universal é como uma escala ascendente, e nesta escala ascendente é o conhecimento que constitui o ponto terminal, o alvo, o destino, podendo-se assim dizer que todo o movimento da matéria não é senão um esforço permanente do cosmos para adquirir consciência de si mesmo.”

No seu último estudo — “Ensaio sobre o Conhecimento”, reafirma FARIAS BRITO que o conhecimento é o destino próprio de toda a existência natural, o fim da evolução universal, ou antes, para empregar a palavra própria e mais expressiva: é a finalidade do mundo, como ele já salientou em “A Verdade como Regra das Ações”. E desenvolve:

“E agora acrescento que todo esse trabalho imenso do Universo, todo esse processo infinito da Natureza, multiplicando-se em formas inúmeras, em vias-lácteas e nebulosas, em todos os corpos obscuros ou luminosos do espaço e, por fim, como último esforço produzindo a vegetação e a vida; tudo isto a que se dá o nome de evolução cósmica ou de evolução universal, tudo isto não é senão o esforço permanente da matéria por se tornar consciente de sua própria existência ou entrar na posse de si mesma.” (34)

12. Decerto contribuiu para esta concepção o que FARIAS BRITO leu no filósofo alemão LUDWIG NOIRÉ, autor de “Die Welt als Entwicklung des Geistes” (“O Pensamento do Espírito”), publicado em 1874, e de “Der Monistische Gedanke” (“O Pensamento Monístico”), publicado em 1875.

A idéia fundamental de NOIRÉ, expõe FARIAS BRITO, é esta: o universo compõe-se de átomos inteiramente iguais, dotados de duas propriedades, também originariamente iguais, uma interna e outra externa, que são o sentimento e o movimento. Aqui FARIAS BRITO observa: “O que é isto? Não será difícil compreender: puro spinosismo. NOIRÉ transporta para o átomo, isto é, para o infinitamente pequeno, sob a denominação de *sentimento e movimento*, exatamente os dois atributos que

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

SPINOSA concede ao infinitamente grande ou à substância, isto é, o pensamento e a extensão.”

Feitas outras críticas, diz FARIAS BRITO que, segundo NOIRÉ, o ser mais alto subordina a seus fins as formas inferiores da existência e esta subordinação está na razão direta do predomínio do sentimento sobre o movimento. A vida é, pois, uma espécie de luta do sentimento contra o movimento. É a matéria que se esforça por adquirir consciência de si mesma: por onde se vê que o mundo é um desenvolvimento do espírito. FARIAS BRITO reconhece que nessa concepção há lampejos que fazem pressentir o conhecimento da verdade; mas conclui que tudo resulta de elementos incompatíveis, calando, entretanto, o motivo dessa incompatibilidade. (35)

Aliás, a concepção de NOIRÉ prende-se à filosofia de HEGEL (1770-1831), também citado por FARIAS BRITO. Segundo essa filosofia, o fundamento de tudo é a idéia, possibilidade absoluta, cega, sem consciência e sem pensamento. Esta idéia, exteriorizando-se, converte-se em natureza, depois se volta sobre si mesma e torna-se espírito, que é a *idéia consciente de si própria*.

HEGEL explica: pode-se dizer que a natureza gravita para um centro sem poder atingi-lo; um esforço, uma tendência, uma necessidade interna impelem-na para um ideal pressentido que nela se agita obscuramente, mas que ela é impotente para realizar. (36)

Essa gravitação, essa tendência, essa necessidade incoercível da natureza para um centro ou ideal inatingível, que decerto é o espírito, tudo isso corresponde ao que NOIRÉ chama o esforço da matéria para adquirir consciência de si própria.

FARIAS BRITO postergou a idéia abstrusa de HEGEL e os seus desenvolvimentos; postergou também a luta do sentimento contra o movimento nos átomos de NOIRÉ, mas transportou do átomo para o universo a mola impulsiva dessa luta, que é o esforço da matéria para se tornar consciente. FARIAS BRITO explica por êsse esforço — e nisto está a sua originalidade — a evolução universal. É o coroamento da sua obra filosófica.

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

13. Desde que o cosmos ou uma parte dêle adquira consciência de si próprio, pode chegar àquele estado incomparável de que fala SCHOPENHAUER, também citado por FARIAS BRITO, no qual o sujeito e o objeto do conhecimento se confundem, tornando-se o homem inacessível ao desejo e ao sofrimento.

Essa liberação consegue-se, conforme SCHOPENHAUER, pela arte, pelo prazer estético; segundo FARIAS BRITO, pela filosofia, pelo amor da verdade. (37)

Também na doutrina hindu a libertação se consegue pelo conhecimento, quando êste chega a uma tal sublimação que opera a identificação do sujeito com o objeto: é a chamada realização metafísica. (38) Na filosofia de FARIAS BRITO a evolução do cosmos visa a uma realização metafísica universal.

Há, como ainda disse CLÓVIS BEVILÁQUA, grande beleza — e eu acrescentaria: grandiosidade — na concepção do filósofo cearense, que objetivou explicar a evolução do cosmos e a sua finalidade numa fórmula luminosa e altamente expressiva.

Dominado por êsse ideal, FARIAS BRITO meditou e esforçou-se incessantemente para apreender uma parcela da razão superior, que, no dizer de EINSTEIN, se manifesta na natureza.

NOTAS

- 1) *De divinatione*, II, 58.
- 2) *Finalidade do Mundo*, I, 300-304. Ed. 1895.
- 3) *Finalidade*, II, 216 e 266; III, 127. Edições 1899 e 1905, respectivamente.
- 4) Louis BÜCHNER, *Lumière et Vie*, traduzida do alemão por Ch. Letourneau, 9, 18 e 103. Ed. 1883.
- 5) *Academica*, II, 36.
- 6) *Farias Brito. O Homem e a Obra*, nota 128. Ed. 1939.
- 7) *Esboços e Fragmentos*, 205-206, 1. Ed. 1899.
- 8) *Finalidade*, III, 123. Ed. 1905.
- 9) OVIDIO, *Metamorphoses*, XV, 239-243, e SÊNECA, *De ira*, II, 19, 1.
- 10) *Tusculanae disputationes*, I, 26.
- 11) *De mundo*, 2. Esta e outras obras de ARISTÓTELES são citadas através da tradução latina editada por Firmin-Didot.

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

- 12) CÍCERO, *Academica*, II, 41, e *De natura deorum*, I, 14.
- 13) ARISTÓTELES, *De caelo*, I, 3 e 6; CÍCERO, *De natura deorum*, II, 40, 45 e 46, e SÊNECA, *Questiones naturales*, II, 10.
- 14) *De natura rerum*, V, 500-501.
- 15) ARISTÓTELES, *Naturales auscultationes*, IV, 8, § 15, e 9, § 5.
- 16) *De fato*, 11, e *De natura deorum*, I, 13.
- 17) *L'Ether et la Théorie de la Relativité*, 3, traduzido do alemão por Maurice Solovine. Ed. 1953.
- 18) *Un, deux, trois... l'infini*, 79-80, traduzido do inglês e adaptado por Gauzit. Ed. 1956.
- 19) *Comment je vois le monde*, 208, tradução francesa. Ed. 1937.
- 20) Ob. cit., 222, e *L'Ether et la Théorie de la Relativité*, 5, 6 e 11.
- 21) Louis WARNANT, *Les Théories d'Einstein. Essai de Refutation — Examen — Critique*, 105, Ed. 1922.
- 22) EINSTEIN, ob. cit., 12.
- 23) Friedrich ENGELS, *Dialectique de la Nature*, traduzida do alemão por Emille Bottigelli, 114, *in-fine* (N.R.).
- 24) BERNARDES DE MIRANDA, *Teoria Fotômica. Correções e Aditamentos*, 13-14. Ed. 1946.
- 25) Ob. cit., 18 e 189-190.
- 26) BRAUNWEILER, *Física sin Cálculos*, 195, traduzida do alemão por José Balta Elías.
- 27) *Finalidade*, I, 306; II, 13, 15, 266-267, e *O Mundo Interior*, 462. Edições 1895, 1899 e 1914, respectivamente.
- 28) *Finalidade*, II, 266-268. Ed. 1899.
- 29) Ob. cit., II, 264.
- 30) Ob. cit., *Pars quarta, Propositio*, 28.
- 31) Ob. cit., *Pars secunda, Propositio*, 13, *scholium*.
- 32) *Finalidade*, II, 257-258, 265-266. Ed. 1899.
- 33) *História da Faculdade de Direito do Recife*, I, 268. Ed. 1927.
- 34) Transcrito por ALCÂNTARA NOGUEIRA em *Farias Brito e a Filosofia do Espírito*, 141-142. Ed. 1962.
- 35) *Finalidade*, III, 89 e 93. Ed. 1905.
- 36) Ob. cit., I, 58-59.
- 37) Ob. cit., I, 301 e 311.
- 38) RENÉ GUÉNON, *Introduction générale à l'étude des doctrines hindoues*, 143 e 148. Ed. 1952.